



A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS TERAPÊUTICAS COMPLEMENTARES OFERTADAS NA ATENÇÃO BÁSICA.

MAIZA VIEIRA MONTENEGRO; JOSINEIDE TARGINO DA SILVA; FRANCISCA MARTINS SILVA; IDÁLIA VIEIRA MONTENEGRO; SILVIA PAULA DE ALCÂNTARA MELO

RESUMO

O estudo se justifica ao destacar o reconhecimento social, acadêmico e institucional dessas terapias e reforça o consenso de que a biomedicina convive com outras formas de cuidado em um contexto cultural caracterizado pelo pluralismo terapêutico ou pluralismo nos cuidados de saúde. O objetivo do estudo é avaliar o uso das Práticas Integrativas e Complementares como recurso terapêutico por profissionais da Estratégia da Saúde da Família, a contribuir para a melhoria e prevenção da saúde. Trata-se de um estudo descritivo feito a partir de uma revisão integrativa da literatura. De acordo com as leituras dos artigos, foi observado uma grande diversidade de métodos, terapêuticos complementares embora parte dos profissionais considerem não conhecer ou conhecer pouco sobre PIC há progressivo interesse pelas terapias complementares e sensibilização dos profissionais de Saúde que buscam cada vez mais se especializar na área. O estudo permitiu analisar a organização das PIC's desenvolvidas por um Serviço municipal de saúde especializado, bem como sua relação com a promoção da saúde. Apesar do incentivo da PNPIC para a implantação das práticas na rede de serviços do SUS, conclui-se que existe o desafio de se compreender e construir quais práticas de saúde podem se inserir no escopo das PIC's.

Palavras-chave: Terapias Complementares; Atenção Básica; Sistema Único de Saúde; Assistência Multiprofissional; Qualidade de Vida.

1 INTRODUÇÃO

As Práticas Integrativas e Complementares (PIC) são sistemas e recursos terapêuticos que envolvem abordagens em busca de estimular os mecanismos naturais de prevenção de agravos, e recuperação da saúde, por meio de tecnologias eficazes e seguras com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade (ZAMBELLI et al., 2024).

Organização Mundial da Saúde (OMS) durante as Conferências Internacionais de Cuidados Primários de Saúde, reconheceu as Terapias Alternativas e Tradicionais de Países e Povos, na implementação dos atendimentos básicos em Saúde, que deu origem a Declaração de Alma-Ata. Esse evento reconhece, oficialmente, a medicina tradicional complementar/alternativa (MTMCA) (SILVA et al, 2024).

O Ministério da Saúde, seguindo as diretrizes da OMS aprovou em maio de 2006, a Política Nacional de Práticas integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de saúde. Legitimou, desta forma, a oferta destas práticas oferecidas por profissionais nas Unidades Básicas de saúde, bem como das equipes de saúde da família, beneficiando uma parcela considerável da população usuária do SUS (CARVALHO et al, 2023).

As PIC podem ser vistas como uma prática complementar e alternativa que fica a critério e escolha dos pacientes estas práticas podem ser chamadas de “Complementares”, quando utilizadas em associação a biomedicina; “alternativas”; quando empregadas em substituição a prática biomédica, é por fim, “Integrativas”, quando são usadas conjuntamente à biomedicina, considerando que há evidências de segurança e efetividade. Deste modo está disponível várias formas de tratamento e prevenção a saúde pelo meio do sistema único de saúde (SUS) na Atenção Básica (QUEIROZ; BARBOSA; DUARTE, 2023).

As PIC constituem-se, sob o atual entendimento, num inovador meio de revisão do conceito de saúde, pois atuam como mediadoras das relações entre o homem e sua própria natureza. Revelam-se como uma possibilidade concreta de sofisticação e diversificação do modo de ver e encarar os processos de adoecimento pelos sistemas de saúde, mostrando a interface existente e necessária entre cultura, corpo, doença, atitude, prevenção e cura (SILVA; OLIVEIRA, 2023).

Nesse contexto esse estudo se justifica ao destacar o reconhecimento social, acadêmico e institucional dessas terapias e reforça o consenso de que a biomedicina convive com outras formas de cuidado em um contexto cultural caracterizado pelo pluralismo terapêutico ou pluralismo nos cuidados de saúde.

Diante do exposto surge a questão norteadora. Como os profissionais da atenção primária utilizam as práticas alternativas em sua conduta diariamente?

Este estudo tem como objetivo avaliar o uso das Práticas Integrativas e Complementares como recurso terapêutico por profissionais da Estratégia da Saúde da Família, a contribuir para a melhoria e prevenção da saúde.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo feito a partir de uma revisão integrativa da literatura. A revisão integrativa é um método de pesquisa científica, utilizado na Prática Baseada em Evidências (PBE), sendo de suma importância na comunicação dos resultados da pesquisa, facilitando a compreensão na prática clínica, obtendo uma síntese de conhecimento (GIL, 2002).

Os artigos inerentes à revisão bibliográfica foram selecionados a partir de pesquisa simples nas bases científicas de dados Google Acadêmico e BVS.

Foram considerados os seguintes critérios de seleção e inclusão da amostra: escrito na língua portuguesa, disponibilidade do texto na íntegra, ter sido publicado nos últimos dez anos e a abordagem dos descritores. Foram excluídos os documentos disponíveis de forma on-line que não se enquadravam nos critérios seletivos eleitos para a sistematização da coleta.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com as leituras dos artigos, foi observado uma grande diversidade de métodos, terapêuticos complementares embora parte dos profissionais considerem não conhecer ou conhecer pouco sobre PIC há progressivo interesse pelas terapias complementares e sensibilização dos profissionais de Saúde que buscam cada vez mais se especializar na área.

De conformidade com a proposição dos objetivos gerais dos estudos que eram analisar a percepção de profissionais na Atenção Básica, sobre práticas integrativas e complementares ainda são escassas.

Sendo assim Mildemberg et al. (2023) afirma que é importante ressaltar que as práticas complementares, podem ser utilizadas como tratamento não-farmacológico da dor, e constituem técnicas ou métodos realizados pelos profissionais da saúde que requerem técnicas mais simples, de fácil aprendizado e que podem ser ensinadas aos pacientes. Dessa forma, é necessário também o incentivo à pesquisa científica contínua e capacitação profissional para o atendimento desta demanda, integrando cada vez mais estas práticas ao ensino e pesquisa no meio acadêmico. As medicinas alternativas e complementares são definidas como um grupo de diversos sistemas médicos e de cuidado à saúde, e de práticas que não estão presentes na biomedicina.

A publicação da Portaria 97 é uma conquista para saúde pública, porém, não garante o acesso efetivo as práticas integrativas e complementares em saúde. De acordo com a OMS, é preciso garantir a eficácia, segurança e qualidade destas práticas, além de promover seu acesso e uso racional. Esta portaria incentiva as Secretarias de Saúde dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios a readequarem seus planos, programas, projetos e atividades, tendo em vista a inclusão da medicina tradicional chinesa-acupuntura, homeopatia, plantas medicinais e fitoterapia, termalismo social/crenoterapia, entre outras, nos serviços oferecidos à população (CARVALHO et al, 2023).

Além de se trabalhar com os objetivos dos estudos analisados também foram observados procedimentos metodológicos que só vieram enriquecer o conhecimento nas práticas complementares. Analisando os discursos dos resultados e conclusões apresentados nos artigos estudados pode-se afirmar que os profissionais da Saúde, indicam cada vez, mas o uso das práticas integrativas complementares e também procuram aprendê-las para enriquecer suas habilidades de cuidado. No entanto, apesar da contribuição das PIC's para promoção, prevenção e tratamento em saúde, observa-se algumas inseguranças nos profissionais de saúde que o limitam no cotidiano de sua prática.

Contemplando outras PIC's temos a acupuntura, terapia milenar no sistema médico originado na China, que consiste na aplicação de agulhas em pontos específicos do corpo para tratar doenças e para promover saúde. Estas agulhas, quando aplicadas sobre algumas regiões específicas são capazes de tratar diversas doenças físicas ou emocionais como sinusite, asma, enxaqueca ou artrite por exemplo, além de melhorar o sistema imunitário, a Homeopatia método baseado no princípio vitalista e na lei dos semelhantes, o Termalismo Social e Crenoterapia onde o uso das águas é utilizada para fins terapêuticos, a Medicina Antroposófica sistema médico-terapêutico complementar de base vitalista e a Fitoterapia onde recursos

terapêuticos utiliza plantas medicinais em suas diferentes formas farmacêuticas (QUEIROZ; BARBOSA; DUARTE, 2023).

Além das PIC's já citadas anteriormente, em março de 2017, o SUS passa a oferecer novas terapias alternativas na atenção básica, são elas: Meditação com o intuito de ajudar na concentração mental como o objetivo de harmonizar o estado de saúde. Reiki, técnica japonesa se baseia na prática de imposição das mãos por meio do toque ou aproximação para estimular mecanismos naturais de recuperação da saúde. Musicoterapia, utilizando a música e seus elementos como terapia, o som, ritmo, melodia e harmonia (SILVA; OLIVEIRA, 2023).

O apoio dos médicos e enfermeiros empenhados na inclusão das PIC's pode ser uma realidade mais ampla no Brasil, também à um progressivo interesse pelas terapias complementares e sensibilização dos profissionais de saúde, notadamente os da atenção primária, ao mesmo tempo em que aumenta a demanda por essas práticas.

Segundo Mildemberg et al. (2023) as explicações para o fenômeno que incluem a insatisfação com a biomedicina (iatrogenia, métodos invasivos e caros, foco na doença e não no paciente, impessoalidade) e as qualidades atribuídas às medicinas e práticas complementares (integralidade da atenção, humanismo da relação médico-paciente, estímulo às forças curativas do organismo, menor potencial de dano, abordagem mais holística do processo saúde-doença-cuidado). Para a maioria dos profissionais, as PIC estão baseadas no entendimento mais amplo do processo saúde-doença, o que pode estar relacionado ao seu interesse por tais práticas.

4 CONCLUSÃO

As terapias complementares apresentam uma visão holística ao indivíduo, a atenção é voltada para o estilo de vida do usuário, suas relações sociais, seu estado emocional, sua alimentação, ocorrendo um processo de interação entre o profissional e o paciente. Devido à busca pelos usuários por terapias que supram suas necessidades de saúde, a inserção das terapias complementares, vem sendo incentivada em nosso país, oportunizando sua ampliação e execução no SUS, em busca da integralidade da assistência.

O estudo permitiu analisar a organização das PIC's desenvolvidas por um Serviço municipal de saúde especializado, bem como sua relação com a promoção da saúde. Apesar do incentivo da PNPIC para a implantação das práticas na rede de serviços do SUS, conclui-se que existe o desafio de se compreender e construir quais práticas de saúde podem se inserir no escopo das PIC's.

Ressalta-se, ainda, que o Sistema de Informação atual não consegue apreender todas as práticas ofertadas nos serviços. Com isso, há um descompasso entre o que é praticado pelos profissionais no serviço e o registrado no sistema de informação. Entretanto, as PIC's podem ser recursos úteis na promoção da saúde, sobretudo, porque estabelecem uma nova compreensão do processo saúde-doença, em que se destaca a perspectiva holística e o empoderamento individual, com impactos na vida cotidiana dos sujeitos.

Contudo, para potencializar as práticas no campo da promoção da saúde e do cuidado no SUS é preciso superar os desafios referentes a uma prática setorializada, essencialmente individualista e tendente a ficar limitada, restrita e de difícil acesso, no caso de serviços e

profissionais contribuindo pouco para a expansão do acesso às PIC's e para a construção e qualificação do campo comum do cuidado e da promoção da saúde no SUS.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, A. M. S. et al. Práticas integrativas e complementares em saúde na atenção primária à saúde de MOSSORÓ–RN. **Revista Ciência Plural**, v. 9, n. 3, p. 1-21, 2023.

GIL. A.C. Como elaborar Projeto de Pesquisa. Editora atlas S.P. 4ª Edição, 2002.

MILDEMBERG, R. et al. Práticas Integrativas e Complementares na atuação dos enfermeiros da Atenção Primária à Saúde. **Escola Anna Nery**, v. 27, p. e20220074, 2023.

QUEIROZ, N. A.; BARBOSA, F. E. S.; DUARTE, W. B. A. Uso das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde por profissionais dos Núcleos Ampliados de Saúde da Família e Atenção Básica. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 33, p. e33037, 2023.

SILVA, P. H. B.; OLIVEIRA, E. S. F. Práticas integrativas e complementares na Atenção Primária à Saúde: percepções dos profissionais sobre a oferta dos serviços na região metropolitana de Goiânia. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 33, p. e33027, 2023.

SILVA, P. H. B. et al. Invisibilidades das Práticas Integrativas e Complementares na Atenção Primária à Saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, p. e05132024, 2024.

ZAMBELLI, J. C. et al. Como os gerentes percebem as dificuldades de implantação e implementação das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde na Atenção Primária à Saúde?. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 34, p. e34056, 2024.